



”TERCEIRA TÓPICA”: INSTINTOS + AFETOS + IDEIAS¹

”THIRD TOPIC”: INSTINCTS + AFFECTS + IDEAS

Tércio Inácio Jung²

¹ Trabalho produzido para o grupo de pesquisa.

² Graduado em Filosofia...; Aluno do curso de graduação em Psicologia-UNIJUI, tercio.jung@sou.unijui.edu.br

RESUMO

Freud, o responsável por recompor e reconstruir a visão unilateral do humano, desenvolve duas teorias do aparelho mental: na primeira tópica (1915), ele divide a mente em três partes (consciente, pré-consciente, inconsciente), mas, Freud compreendeu, rapidamente, os limites dessa concepção. Na segunda tópica (1923) ele constrói uma segunda "topografia". Menos focado na mente e mais preocupado em compreender um aparelho psíquico ampliado, ele acaba concebendo uma outra/nova estrutura (o id, ego e superego) da subjetividade humana. A isto proponho uma possível “terceira tópica”, que considera o humano “organizado” a partir da condição instintiva, afetiva e racional.

Palavras-chave: Freud; mente; psiquê; realidade; natureza.

ABSTRACT

Freud, responsible for recomposing and reconstructing the unilateral vision of the human, develops two theories of the mental apparatus: in the first topic (1915), he divides the mind into three parts (conscious, preconscious, unconscious), but, Freud understood, quickly, the limits of this conception. In the second topic (1923) he constructs a second "topography". Less focused on the mind and more concerned with understanding an expanded psychic apparatus, he ends up conceiving another/new structure (the id, ego and superego) of human subjectivity. To this I propose a possible “third topic”, which considers the human “organized” from the instinctive, affective and rational condition.

Keywords: Freud; mind; psyche; reality; nature.

INTRODUÇÃO

Quem já leu Freud, inevitavelmente, perceberá que estou “ousando” sugerir uma continuidade no percurso já caminhado por ele na direção de uma explicação científica para o *aparelho psíquico* que comporia a condição humana.



No caminho de uma *Metapsicologia*, Freud se deparou com três características constituintes da mente humana, quais sejam, os pontos de vista *dinâmico*, de *economia* e o ponto de vista *topográfico*. Ele introduziu, devido a característica topográfica, a ideia de que o aparelho mental é composto de diferentes áreas da mente (inconsciente, pré-consciente e consciente), diferentes “lugares” regidos por diferentes processos. Essa divisão do aparelho psíquico ficou conhecida, na teoria psicanalítica, como a *primeira tópica*, por se tratar da primeira tentativa freudiana em descrever quais seriam, por assim dizer, os diferentes “terrenos” (topos) do psiquismo.

Entretanto, não mais satisfeito com a estrutura apresentada na primeira tópica (1915), Freud começou a redirecionar o seu percurso reflexivo. Com o texto *Além do Princípio do Prazer* (1920) e especialmente, em *O Ego e o Id* (1923), Freud propôs uma nova topografia do aparelho mental, ou melhor, uma *segunda tópica* que passou a “abrir” mais o aparelho mental, estruturando um sistema (Id, Ego e Superego) que ultrapassava o território mental.

Nessa direção reflexiva e provocativa, mas ainda um pouco insatisfeito, há tempos venho caminhando em direção a uma possível, “terceira tópica”, a fim de fomentar uma outra/nova visão da nossa condição humana, implicando, sobretudo, em recuperarmos a nossa condição de Natureza (instintos) e a nossa condição afetiva.

Que somos “animais racionais” já foi longamente fundamentado, apesar destes fundamentos focarem, quase que exclusivamente, a condição racional e bem pouco na nossa condição animal. Aí já temos um exemplo claro e evidente da nossa limitação racional, qual seja, que a nossa razão é tão débil que desconsidera a nossa condição animal, ou em outros termos, a nossa condição natural/de natureza, condição que nos enraíza, enquanto corpo orgânico, na Terra e nas leis da Natureza.

Um questionamento possível: é “inteligente” explicarmos uma árvore considerando apenas a sua “copa”? Pois, fazendo esta analogia, me parece que tendemos a entender o ser humano apenas a partir da sua razão. Perdoem-me os psicólogos e psicanalistas, mas não resisto a outro questionamento: será que a Psicologia também não está muito voltada para a condição racional das pessoas e bem pouco para a instintiva e afetiva? Afinal, a consciência,



as memórias, os sonhos, as percepções, a linguagem e até o comportamento e, por vezes, me parece que mesmo o inconsciente é tratado, em grande medida, apenas a partir da nossa condição racional.

Porém, partindo da analogia e do pressuposto de que a animalidade nos “enraíza”/raízes e a razão nos “eleva para os céus”/copa, faltaria considerar o que faz a ligação entre as raízes e a copa, ou seja, o tronco/caule da árvore. Seguindo a comparação entre a árvore e o humano, o que, em nós, desempenha a função do tronco/caule? Ou melhor, o que, em nós, liga a condição animal/instintiva com a condição racional/das ideias?

Parece que a “outra condição” que nos compõem, ou melhor, a condição que interliga o instinto e a razão é a nossa condição afetiva, esta então, que é comparável ao tronco/caule da árvore.

E assim, além de termos uma árvore completa, ainda consideramos a sua ligação com a Terra e com a luz e o calor do Sol, ou seja, com a energia do Universo. Ou ainda, teríamos um ser humano completo, com a condição animal (instintos), a afetiva (sentir) e a racional (pensar/simbolizar), a Terra poderia ser o contexto social no qual nos enraizamos, a luz, o calor solar e a energia do Universo poderiam significar as inúmeras questões “metafísicas” que nos envolvem. O que será que Freud diria sobre isso?

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este trabalho, foi a de pesquisa bibliográfica qualitativa, debates em grupo de estudos e aulas, além de muito silêncio, isolamento e meditação.

FREUD E A PRIMEIRA TÓPICA

O aparelho psíquico é o nome que Sigmund Freud usou para reconsiderar a mente humana. Em uma de suas teorias para descrevê-lo, a psicanálise alude às “instâncias” onde ocorrem os diferentes processos psíquicos e fala sobre como a mente é organizada e dividida



(consciente, pré-consciente e inconsciente) em diferentes sistemas interligados, cada um com características e funções específicas.

No nível *consciente* estariam todos os pensamentos, emoções e ações, diretamente relacionados à realidade. Seria a instância mais acessível para nós, através da qual nos relacionamos com estímulos externos, ou internos, por meio dos sentidos e das sensações. Esse sistema está relacionado à memória de curto prazo e representa nossa percepção no momento presente, tanto de nós mesmos quanto do ambiente/do entorno.

Inclusive, uma característica central da consciência é o *princípio de realidade*, favorecendo tanto a adaptação às circunstâncias reais, quanto adiar (pré-consciente) nosso desejo se ele não puder ser satisfeito no momento. Ao contrário, o inconsciente não teria essa capacidade, pois procura a satisfação imediata dos seus prazeres e desejos, sem a capacidade de esperar e controlar, caso no qual predomina o *princípio do prazer*.

No entanto, a percepção é subjetiva e diferente para cada pessoa, o que explica que não apenas percebemos através do sistema consciente, mas, que os sistemas pré-consciente e inconsciente também estão envolvidos nesse processo e é por isso que, às vezes, a realidade pode ser vista de forma distorcida.

O nível *pré-consciente* é aquele entre o inconsciente e o consciente. Representa todos os sentimentos, pensamentos, fantasias, etc. que não estão latentes na consciência, mas que podem facilmente se tornar presentes. É o caso de memórias que havíamos esquecido, mas que só lembramos quando alguém nos fala sobre, ou, quando costumamos a nos lembrar e usamos a expressão "tenho na ponta da língua".

O sistema *inconsciente* é o nível da mente menos acessível. Nele estão todos os sentimentos, experiências, desejos, etc. que representam um conflito para nós e que são reprimidos. Isso ocorre porque sua intensidade e conteúdo estão associados a emoções e sofrimentos desagradáveis e, portanto, os afastamos da consciência como mecanismo de defesa. Apesar de, o que está no inconsciente não ser de fácil acesso e estar oculto à nossa



consciência, ele nos influencia muito e pode se manifestar na forma de sintomas, sonhos ou atos fracassados, dentre outros como, especialmente, a escuta analítica.

FREUD E A SEGUNDA TÓPICA

Nesse percurso reflexivo, a revolução realizada por Freud - e pela psicanálise - em seu caminhar compreensivo e explicativo, consiste em grande medida, numa nova concepção do sujeito humano, modificando a definição que tanto Descartes quanto Kant haviam elaborado, dotando o ser humano apenas com uma faculdade de representação, ou seja, a consciência.

É Freud o responsável por recompor e reconstruir esta visão unilateral do humano, desenvolvendo duas teorias do aparelho mental: na primeira tópica, como já apresentado brevemente, ele foi dividido em três partes (consciente, pré-consciente, inconsciente), mas Freud compreendeu, rapidamente, os limites dessa concepção.

Para tanto, na segunda tópica (1920 e 1923), ele constrói uma segunda "topografia". Menos focado na mente e mais preocupado em compreender um aparelho psíquico ampliado, ele acaba concebendo uma outra/nova estrutura (o id, ego e superego) da subjetividade humana. É esta segunda tópica que marca efetivamente a ruptura com a filosofia clássica racionalista/da consciência.

Ao *id* foi atribuída a característica de "grande reservatório" da libido, das energias pulsionais e do desejo. É descrito por Freud como caos. Segundo ele, o id está em conflito com as outras duas instâncias (ego e superego) e persegue seu desejo de expressar essa energia e promover sua descarga.

O id designa a parte mais inconsciente do homem, é o repositório dos instintos humanos, o receptáculo dos desejos reprimidos e não reconhecidos nas profundezas, segundo a teoria psicanalítica.

Essas necessidades instintivas precisam ser canalizadas, em particular por meio da sublimação (que consiste em satisfazer indiretamente um desejo instintivo). O exemplo dado pela psicanálise de Freud é o artista sublimando seus impulsos através da arte.



O *ego* designa a parte da personalidade que assegura as funções conscientes. De acordo com a psicanálise freudiana, o ego é a parte defensiva de nossa personalidade. Tenta, graças a um papel mediador, responder aos respectivos interesses do id e do superego.

O ego é descrito, muitas vezes, como uma pobre criatura que deve obedecer a três senhores: o mundo exterior, o id/o pólo pulsional, e o superego/o juiz. O ego garante a estabilidade do sujeito, impedindo a liberação indiscriminada dos impulsos..

O *superego*, na teoria de Freud, representa uma internalização das proibições parentais e culturais, um poder de interdição que o ego é obrigado a levar em conta. Durante a infância, começa um longo e importante processo de construção do superego.

O superego é aquela voz que diz “não devemos”, uma espécie de lei moral que age sobre nós sem entendermos muito bem a sua origem, mas que tem forte relação com os valores culturais e sociais em que estamos imersos e em que nos desenvolvemos. De forma simplificada, o superego é aquela voz que nos diz o que está errado e que nos impulsiona a nos aproximarmos do ideal do que é bom e do correto.

TERCEIRA TÓPICA

Lamentavelmente, a humanidade se convenceu racionalmente, de que é a razão a infraestrutura sobre a qual se deve erigir a vida. Uma analogia possível, para ilustrar esta ilusão racional: estar num avião, voando a 10000 metros de altura, pisar no assoalho do avião e achar que está pisando em terra firme. A razão seria comparável ao assoalho do avião. O signo da “terra firme” facilmente nos remete a nossa condição orgânica, aqui e agora, com os dois pés no chão da vida real – e não no assoalho do avião – e não do mundo ilusório, dos pensamentos e do imaginário.

Entretanto, a intenção com esta reflexão não é fomentar juízos de valor sobre, mas, mesmo sabendo do intermitente movimento e interação entre instintos, razão e afetividade, podermos ficar atentos, ao que em nossas vidas hodiernas, sustenta e movimenta a nossa existência diária/o nosso ter que ser de cada dia.



PARTE I

O corpo/o físico/o orgânico, que nos assemelha às plantas e aos demais animais, se desenvolve naturalmente, sem a necessidade de precisarmos nos preocupar com esse processo de fecundação, crescimento, envelhecimento e morte. Claro que, ainda infantis na idade afetiva, temos medo do envelhecimento e, sobretudo, da morte orgânica, levando-nos às mais variadas psicoses possíveis, no intuito de nos iludirmos (razão) sobre a inevitável morte (instinto), que nos aguarda (será que o corpo orgânico sabe disso, de sua finitude?).

Penso, a partir do exposto, que podemos - cada indivíduo pode - encontrar-nos em três fases distintas de desenvolvimento ao mesmo tempo, ou melhor, a mesma pessoa pode estar numa idade instintiva, outra emocional e outra racional, claro que, as três em fluxo e trocas constantes, semelhante a característica do *dinâmico* do aparelho psíquico de Freud, brevemente visto anteriormente.

Certamente, todos já viram, ou ouviram falar, de algum cientista que é altamente intelectualizado (idade racional de ancião), mas na vida afetiva não passa de uma criança, em tal medida que ainda vive com a mãe.

Entretanto, convém insistir que estamos sempre entre o fluxo das nossas três condições, quais sejam, a instintiva, a emocional e a racional. No mínimo, precisamos ter consciência delas. No máximo, podemos esforçar-se para seguir amadurecendo na/nas de menor idade. Apesar de nascermos frágeis, “tendo” a pensar que já nascemos adultos instintivamente, condição que empurra o desenvolvimento racional, e assim, ambas atropelam o processo de amadurecimento da idade afetiva na maioria das pessoas.

PARTE II

Confesso que, de fato, ando tentado a pensar que o instinto tem maior predominância na idade infantil, quando o feto/bebê, recém concebido/chegado, prioriza a lei natural da necessidade-satisfação, devido ao instinto da sobrevivência orgânica que se impõe. Nessa



pulsão vital, que empurra cada indivíduo à autopreservação orgânica, a questão afetiva toma contornos angustiantes, de insegurança e de dependência, o que acaba por condicionar a organização da “base/matriz” do aparelho psíquico/afetos de cada qual.

Já na idade da adolescência - mesmo o instinto da sobrevivência orgânica seguir pulsando, aliás, este que pulsa até a falência do corpo se impor – parece que esse mesmo instinto natural, qual seja, o da sobrevivência, assume contornos da espécie, ou seja, agora não basta mais apenas a sobrevivência orgânica do indivíduo, mas pulsa também, a sobrevivência da espécie, o que por sua vez, envolve a relação sexual com um outro para que a espécie possa se reproduzir e seguir existindo. Assim, fica evidente, a potência sexual pela qual passamos na idade da adolescência, aliás, naturalmente, a melhor idade para que a procriação da espécie tenha êxito, logo, a lei do desejo-satisfação se impõe imperiosamente.

Entretanto, nessa pulsão hormonal, que empurra um indivíduo à busca de outro, a questão afetiva passa a tomar outros contornos, em cada qual. Aliás, ousou dizer aqui, que o Freud equivocou-se em atribuir tanta importância à sexualidade na infância, pois, é na adolescência que o imperativo sexual se impõe, organizando significativamente o aparelho psíquico/a afetividade. Evidente que a vida instintiva segue operando também, assim como, a racional já está bem latente na adolescência e anda de “mãos dadas” com a sexual.

Já na vida adulta os instintos seguem pulsando e a sexualidade já começa a dar um espaço maior aos “afetos não dependentes dela”, afinal, a razão consegue se impor, mais constantemente, aos instintos, inclusive ao sexual. Claro que, bem sabemos, que com a idade orgânica progredindo, o próprio corpo já não é o mesmo. Essa questão fica evidente com a menopausa no gênero feminino, ou seja, a melhor idade para procriar já passou (isso sim, é uma castração traumatizante, que Freud nem mencionou). E no gênero masculino, o sangue já não circula mais na mesma velocidade (outra castração angustiante). Assim sendo, estamos na fase de um pouco de independência das leis naturais - apesar de seguirem lá enquanto o corpo tiver vida – e podemos ir um pouco além. Claro que a maioria das pessoas prefere continuar na rotina de sempre, ou seja, pulsando necessidade-satisfação e desejos-satisfação, no máximo é carregado pelas imaginações e fantasias.



Assim “sendo”, parece que a organização do aparelho psíquico é fortemente condicionada pelos instintos da autopreservação, de forma que a fragilidade orgânica, também se converte em fragilidade afetiva. E mesmo na idade racional, muito se resume em apenas sobreviver com segurança e conforto. Segurança que começa a ser questionada, mas, dessa vez, na idade adulta, pelo progressivo declínio orgânico. Aliás, parece que instintivamente - ou inconscientemente, segundo Freud - o processo de caminhar para morte martela em nós com mais força depois dos 60.

Estaria, o sentido da nossa vida, em nós nos organizarmos como seres de instintos + afetos + ideias?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A razão, desde a filosofia grega, vem subjugando o ser humano. Na verdade, as pessoas racionais se iludiram com isto, afinal, a nossa condição animal jamais foi suspensa e jamais será; basta considerar a nossa condição orgânica, ou seja, enquanto tivermos corpo a condição natural (instintiva) estará pulsando em nós. Assim como, a condição afetiva de cada pessoa/subjectividade também jamais foi “neutralizada”; basta analisar as guerras, que já ocorreram ao longo da história, para perceber que todas, em sua base, foram movidas e sustentadas – ou não evitadas - por questões emocionais; até mesmo, se adentrarmos, um pouco mais, na história da construção das religiões, também perceberemos que foi a condição afetiva das pessoas, que as fundamentou e alimentou, inclusive com algumas barbáries.

Aliás, a grande “motivação” de Freud não era ser alguém importante, respeitado e reconhecido pelos colegas? Mais humano e afetivo, impossível. Afinal, quem não quer ser aplaudido e ovacionado? E, que bom que Freud “deixou” a condição afetiva movê-lo.

Pois bem, infiro a partir do exposto, que somos então: condição animal (infraestrutura/raízes), afetiva (estrutura/tronco) e racional (superestrutura/copa). Porém, enquanto a nossa condição animal já está programada/dada, desde a concepção, para autopreservação (sobreviver e reproduzir (reprodução das células, da espécie...)), com a condição afetiva e racional não ocorre o mesmo, ou seja, estas duas condições não estão



dadas, mas, precisam ser construídas “em” e por cada indivíduo. Felizmente, a condição racional já é bastante nutrida pela educação escolar. Parece que, de fato, apenas a nossa condição afetiva segue por conta própria e até mesmo a Psicologia resiste em dar a mão à "criança afetiva”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. (1980). Artigos sobre a metapsicologia. O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915a).

___ (1980). Artigos sobre a metapsicologia. Repressão. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b).

___ (2006b) Histeria. In S. Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 1 (pp. 77-94). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1888a).

___ (2006e). Charcot. In S. Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 3 (pp. 21-32). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893).

Garcia-Roza, L. A. (2001). *Introdução à metapsicologia freudiana* (5a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.